

PROFESSORAS DE PAPEL E TINTA NO ACERVO DO PNBE/2008

RESUMO: Professoras de Papel e Tinta no Acervo do PNBE/2008. A pesquisa apresentada neste artigo teve como objetivo estudar a representação docente presente no acervo de literatura infantojuvenil distribuído às escolas públicas, por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, no ano de 2008. Trata-se de um acervo destinado aos alunos do Ensino Fundamental e composto de cem obras literárias. Destas, cinco fazem referência à professora, totalizando assim, coincidentemente, cinco docentes. A escolha da personagem docente se justifica por ser a protagonista da sala de aula, aquela que faz a mediação entre o aluno e o livro, participa da formação do sujeito enquanto cidadão, além de ser a responsável pela aprendizagem. Os resultados da pesquisa mostram expressivas exclusões e lacunas na representação docente, pois das cinco professoras, quatro são brancas e uma é mulata. Essas professoras de papel e tinta dialogam com as de carne e osso e apontam para a dificuldade de representação das características plurais do Brasil na literatura infantojuvenil do acervo do PNBE/2008.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Docente. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

ABSTRACT: Teachers and Ink on Paper Collection of PNBE/2008 The research presented in this article had as objective to study the present teaching representation in the distributed quantity of infantojuvenil literature to the public schools, by means of the National Program Library of School - PNBE, in the year of 2008. One is about a quantity destined to the pupils of Basic and composed Ensino of one hundred literary compositions. Of these, five make reference to reference the teacher, thus totalizing, coincidentally, five professors. The choice of the teaching personage if justifies for being the protagonist of the classroom, that one that makes the mediation between the pupil and the book, participates of the formation of the citizen while citizen, beyond being the responsible one for the learning. The results of the research show to expressivas exclusions and gaps in the teaching representation, therefore of the five teachers, four are white and one is mulata. These teachers of paper and ink dialogue with the ones of meat and bone and point with respect to the difficulty of representation of the plural characteristics of Brazil in the infantojuvenil literature of the quantity of the PNBE/2008.

Keywords: Children's literature. Teacher. School Library National Program (PNBE).

Palavras Iniciais

O propósito desta pesquisa é analisar a representação docente presente no acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE/2008. O PNBE, instituído pela Portaria Ministerial n.584, de 28 de abril de 1997, do Ministério da Educação (MEC), em vigor até o presente momento, objetiva a promoção da leitura, por meio de compras governamentais e distribuição gratuita de livros as escolas e aos alunos da rede pública.

Como delimitação dos seres ficcionais, foram selecionadas as professoras por se tratar de profissionais que são responsáveis pela aprendizagem, participam da formação do sujeito enquanto cidadão, de modo a influenciarem nas ações dos alunos, além de serem as formadoras de leitores. Nos dizeres de Guacira Lopes Louro (1997, p. 99): “Professores e professoras – como qualquer outro grupo social – foram e são objetos de representações”.

O acervo analisado é composto de cem obras literárias, sendo contemplados os textos em prosa (novelas, contos, crônicas, textos de dramaturgia, biografias, memórias, pequenas histórias), bem como livros de imagem, histórias em quadrinhos e obras da literatura universal artisticamente adaptadas (BRASIL, 2007, p. 2).

Como recorte da temática proposta, as narrativas a serem analisadas são: *Asas brancas*, de Carlos Queiroz Telles; *A caligrafia de dona Sofia*, de André Neves; *Dadá e Dazinha*, de Luiz Antonio Aguiar; *O rei maluco e a rainha mais ainda*, de Fernanda Lopes de Almeida e *Conversa pra boy dormir*, de Leo Cunha.

Não foi encontrado nenhum estudo sobre a representação docente nos livros do PNBE/2008, o que aponta para a relevância deste trabalho acadêmico. Nesse prisma, a importância desta pesquisa se deve ainda por se tratar do estudo de um Programa Federal, o maior programa de distribuição de obras literárias existente no Brasil, conseqüentemente, envolve alto investimento público e precisa, portanto, ser acompanhado e avaliado.

Alguns indagamentos que norteiam a pesquisa são os seguintes: Quem são as docentes representadas no acervo do PNBE/2008 e quais disciplinas ministram? Essas docentes são solteiras, casadas, divorciadas, órfãs, idosas, jovens? Em que cidades atuam estas profissionais do ensino? Há menção a situação econômica delas? Quais são as práticas de ensino encenadas nessas obras? Existem alusões a docentes negras, amarelas, indígenas, homoafetivas, portadoras de necessidades especiais (PNE)?

Sofia é a Sabedoria.

A obra *A caligrafia de Dona Sofia*, escrita e ilustrada por André Neves, chama a atenção do leitor pela sua capa em formato grande (28 X 20 cm) e por conter nas 40 páginas ilustrações ora em página inteira, ora em página dupla. O livro conta a história de Sofia, uma professora aposentada que decorou todas as paredes de sua casa com poesias de autores consagrados na literatura universal. Como não havia mais espaço nas paredes de sua residência, Sofia decidiu fazer cartões poéticos e entregar aos moradores de sua pacata cidade, de modo a contribuir com a formação de vários leitores literários. A figura 1 exibe a protagonista da história.



Figura 1: André Neves
Ilustração para *A caligrafia de Dona Sofia*, capa

A capa da obra *A caligrafia de Dona Sofia* (2007) apresenta a personagem Sofia escrevendo o título do livro. A imagem funciona como um chamariz para que o leitor venha a conhecer a obra. Cosson (2006) destaca que a imagem da capa, assim como os demais elementos paratextuais – tais como orelhas, ilustrações etc – servem para introduzir a história e convidar o leitor. Com efeito, o primeiro olhar do leitor, ao contemplar uma obra literária, é voltado para a capa, o título e, posteriormente, para a contracapa. Desse modo, é importante que a capa seja chamativa e envolva o leitor, para que esse se interesse pela obra.

A imagem de Sofia está presente na capa antes mesmo de o leitor começar a leitura. A figura da professora, geometrizada, com a cabeça grande em formato triangular, confere-lhe a imagem de guardiã da sabedoria. Em todas as imagens que compõem o livro em questão, há predominância das formas geométricas, em especial, a retangular e triangular, bem como das cores quentes (laranja, vermelho), usadas para

transmitir ao leitor a ideia de alegria.

A ilustração da professora Sofia descreve uma senhora idosa, magra, de pele mulata, maquiada com batom vermelho e com óculos, objeto bastante recorrente nas representações dos profissionais do ensino e que associa a personagem a figura do leitor e intelectual, como aponta Alberto Manguel (1997, p.235): “discretos, sentados de pernas cruzadas sobre uma pilha de livros ou em pé, em expectativa, num canto atravancado da escrivaninha, eles se tornam um emblema do leitor. Óculos, régua, lápis, caneta na mão e livros são símbolos que, de longa data, vêm associados ao intelectual. Com um lápis preto na mão, Sofia escreve o título do livro. A ilustração é bastante detalhista e mostra as rugas no rosto de Sofia, indicando sua idade avançada.

Ela veste uma blusa branca e uma saia verde. Seus cabelos estão dentro de uma touca verde com dois coques nos lados que permitem identificar que são grisalhos. Abramovich (1997, p. 38), ao discutir a ilustração das professoras na literatura infantojuvenil, salienta que elas: “Usam *tailleur* discreto, são gordotas, o cabelo é preso num coque severo, no mínimo estão na meia-idade (de preferência são idosas)”. Se, por um lado, Sofia é ilustrada com um coque na cabeça, com cabelos grisalhos e rugas que são indícios de sua idade, convergindo com as ilustrações tradicionais da professora; por outro lado, a personagem não se apresenta como gorda.

Ao observar o título da obra, nota-se uma criteriosa escolha do autor, uma vez que Sofia remete no *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, de Rosario Farani Mansur Guerrios (1981), a sabedoria. Dona Sofia irradia e representa a sabedoria, além de contribuir com a formação de leitores literários.

No percurso da história, o narrador tece alguns comentários sobre a personagem docente.

Dona Sofia era uma professora aposentada que durante toda a vida se dedicava a ensinar. Ela conhecia os segredos, os sonhos, as sensações e as emoções que as palavras dos poetas despertavam no coração de cada um. Agora, cultivava flores em seu jardim, para serem vendidas na cidade, garantindo assim algum dinheiro, além do que recebia de sua fraca aposentadoria (NEVES, 2007, p.8).

Como se vê, a professora Sofia, nas palavras do narrador, é uma profissional dedicada e sensível. O final da citação dialoga ainda com o rosário de lamentações proferido diariamente pelos docentes que solicitam do governo melhorias salariais. Embora haja uma desvalorização social da professora por parte das autoridades governamentais, a profissional é valorizada por várias personagens como o carteiro Ananias e os moradores da cidade. A renda de sua aposentadoria não é suficiente para sua sobrevivência o que leva Sofia a executar trabalhos alternativos, como a venda de

flores, assim como acontece nas representações analisadas por Fernandes (2007, p.47): “o professor é visto como uma pessoa despossuída de condições dignas de vida” e, no caso da personagem Sofia, mesmo aposentada precisa trabalhar.

A narrativa evoca vários escritores brasileiros e estrangeiros, como: Fernando Pessoa, Sérgio Capparelli, Castro Alves, Machado de Assis, Olavo Bilac, Elias José, Carlos Drummond de Andrade, Cruz e Souza, Mário Pederneiras, Goethe, entre muitos outros. Observa-se que são mencionados nas leituras de Dona Sofia vários autores canônicos, consagrados pela crítica literária.

A literatura infantojuvenil tem usado muito a intertextualidade, recurso bastante utilizado na literatura sem adjetivo. Tanto no texto verbal como no visual André Neves cria uma espécie de mosaico, no qual são resgatados importantes escritores da literatura, de modo a dialogar com os mesmos. De acordo com Machado (2011, p.100): “A intertextualidade é um dado do processo criativo e costuma se manifestar na literatura. Faz parte dos recursos à disposição de quem escreve e desafia a audácia dos que dispuserem a explorá-la”, audácia esta muito explorada por Neves.

É pertinente frisar que as personagens Sofia e Ananias sempre são mencionadas com os pronomes de tratamento “Dona” e “Seu”, indicando um grau de respeito com esses habitantes ficcionais, que representam muito bem suas profissões, respectivamente, docentes e carteiros.

A leitura da obra pode sugerir a ideia para criação de projetos de leitura, no qual as escolas, com todos os seus membros, alunos, zeladoras, merendeiras, professores, coordenadores, diretores e os funcionários dos correios se unam. Por que não escrever poesias e enviá-las as pessoas? Por que não divulgar textos literários nas paredes das escolas?

A profissional da área de Língua Portuguesa também será foco do livro *Asas brancas*, que apresenta uma professora chamada Ofélia. Embora Sofia e Ofélia ministrem a mesma disciplina suas estratégias de ensino são bem diferentes.

Dona Ofélia: a perigosa professora de Português

O livro *Asas brancas*, escrito por Carlos Queiroz Telles e ilustrado por Rogério Borges, se apresenta em tamanho médio (24 X 17 cm) e com 64 páginas. No livro é narrada a história de Zeca, um menino que sempre morou na grande São Paulo e vai passar as férias no Pantanal, mas fica muito preocupado com o retorno as aulas, pois sua

professora de Língua Portuguesa, Dona Ofélia, é muito exigente. A figura 2 mostra a capa do livro.

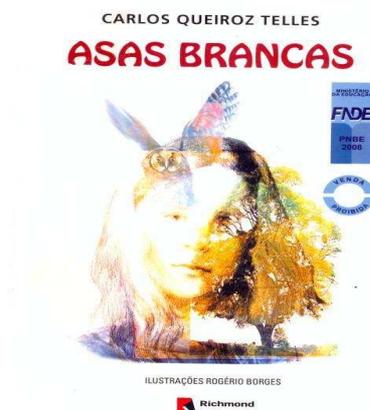


Figura 2: Rogério Borges
Ilustração para *Asas brancas*, capa

A capa do livro *Asas brancas* exibe uma árvore, uma menina e uma coruja, símbolo da sabedoria e do mau agora, de acordo com o *Dicionário de Símbolos*, de Chevalier e Gheerbrandt (1989). Os três elementos são importantes no contexto da narrativa. O personagem principal José Carlos Botelho, o Zeca, um garoto de 10 anos que sempre morou na cidade de São Paulo, tem contato com a coruja em uma fazenda no Pantanal, local onde passa as férias de final de ano a convite do tio do seu melhor amigo, o Nelsinho. A coruja de asas brancas assusta Carlos à noite na hora de dormir: “Um bando de enormes corujas-brancas, assustadas com a luz se atirou na minha direção querendo sair” (TELLES, 2007, p.43). Ainda nessa fazenda, Carlos conhece a Dany, prima de Nelsinho e personagem ilustrada na capa do livro. Os dois se apaixonam e dão o primeiro beijo embaixo da árvore: “A Dany [...] com muita naturalidade segurou a minha mão. A força da árvore que passava pelas raízes entrou no meu coração” (TELLES, 2007, p.43), o que justifica a escolha do autor Carlos Queiroz Telles ao selecionar o título da obra, bem como a escolha de Rogério Borges em ilustrar, na capa da obra, os três referidos elementos, fato que aponta para o perfeito diálogo entre o texto verbal e visual.

Ao contrário do que ocorre em *A caligrafia de dona Sofia*, de André Neves (2007), na qual a personagem docente é apresentada ao leitor na capa antes mesmo de ele abrir o livro, a obra *Asas Brancas*, de Carlos Queiroz Telles (2007), não faz nenhuma referência visual a docente Ofélia, ficando a cargo do leitor imaginar suas características.

Ao estudar a origem do nome da personagem docente, observa-se que, assim como em *A caligrafia de Dona Sofia*, houve uma escolha criteriosa do autor, uma vez que Ofélia, no *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, de Guerrios (1981), remete a um nome de origem grega, que se refere a serpente, a cobra, dialogando com a forma como essa docente é vista pelos estudantes.

No percurso da narrativa, o jovem aproveitou o convite da viagem para elaborar uma redação intitulada “Minhas Férias” para a professora de Português, dona Ofélia, que tinha a fama de brava. Zeca já havia conversado com outros colegas de sala. Segundo eles, a nota dada por Ofélia no primeiro trabalho, no caso a redação, acompanha o aluno o resto do ano. Logo no início das aulas, dona Ofélia solicita uma redação sobre os animais. Zeca só trocou o título “Minhas Férias” por “Minhas Feras”, visto que o aluno teve contato com muitos animais ferozes na fazenda localizada no Pantanal.

É relevante pensar na imagem da docente sob a visão do aluno e narrador. Como o Zeca vê essa profissional? Quais os adjetivos que a caracterizam?

Ano que vem quero pegar a professora de Português no pulo! Antes que ela me pegue, é claro. Dona Ofélia — a famosa fera da quinta série — é a professora mais durona do colégio. Todos os meus colegas de classe já estão tremendo por conta dela. Dizem que, com dona Ofélia, a recuperação é rotina e nota maior que cinco é um acontecimento que merece caramuru! Sei lá... (TELLES, 2007, p. 6).

Agora... a caminho da escola! Preparando para enfrentar a perigosa dona Ofélia no primeiro dia de aula (TELLES, 2007, p. 60).

A sala de aula nova é só um treino para esperar a megera (TELLES, 2007, p. 60).

Os adjetivos famosa, fera, durona, perigosa e megera são usados para caracterizar a profissional do ensino, pela ótica do aluno. Ressalta-se que todas essas palavras sinalizam para uma má relação entre professor e aluno, uma postura autoritária da docente que leva sua disciplina a ser temida pelos alunos. O estudante Zeca engendra a personagem docente como um ser que leva todos os alunos a terem medo e pavor.

É bastante comum as representações dos profissionais de Língua Portuguesa presentes na literatura infantojuvenil contemporânea privilegiarem a gramática e a redação nas suas atividades em sala de aula. Na perspectiva dos estudos linguísticos modernos, o substantivo “redação” está estritamente ligado a tarefa escolar. A tendência contemporânea é utilizar o termo “produção textual”, que remete ao trabalho linguístico e ao esforço intelectual, conforme aponta João Wanderlei Geraldi (1991). A redação

está associada à ideia de tarefa árdua. Na narrativa *Asas Brancas* ela aparece com tema escolhido pela profissional do ensino:

Em fevereiro, quando as aulas recomeçarem, ela vai encomendar aos novos alunos uma tremenda redação de não sei quantas páginas com o tema *Minhas Férias*. Dona Ofélia sabe que a ideia é antiga e escolhe o tema de propósito, só para ver se alguém consegue escrever alguma coisa diferente. Ela faz isso todo ano. Eu me informei muito bem (TELLES, 2007, p. 6).

A obra de Telles (2007), *Asas brancas*, dialoga com o conto escrito por Christiane Gribel (2001) intitulado “Minhas férias, pula uma linha, parágrafo”. No conto, a professora de Língua Portuguesa também solicita aos estudantes uma redação com o tema “Minhas Férias”. Um dos alunos apresenta dificuldades no que diz respeito às habilidades de escrever. No texto de Gribel, há ênfase no fato de que as crianças não gostam de escrever redação, devido à importância que os professores dão às questões gramaticais, esquecendo que os erros dos alunos não devem se sobrepor aos acertos, como é visto nos estudos de Sírio Possenti e Rodolfo Ilari (1987).

Além de haver menção a desvalorização econômica do professor em *A caligrafia de Dona Sofia*, o livro *Asas brancas* (2007) também tematiza a questão econômica do professor, por meio da mãe de Carlos, personagem figurante e não nomeada, que também é professora: “Meu pai é gerente de banco e minha mãe professora. Família de orçamento apertado... Desde pequeno, estudo na escola municipal de nosso bairro” (TELLES, 2007, p. 7). O autor revela a situação financeira dos docentes ao apresentar a mãe do Zeca como uma professora, o que leva o adolescente a estudar na escola pública.

O texto verbal faz menção ainda ao professor Idelfonso, que ministra a disciplina de História. Há apenas uma alusão ao mesmo, na qual é salientado que o profissional é engraçado: “O Idelfonso, professor de História, é um tipo muito engraçado” (TELLES, 2007 p. 60). Desse modo, observa-se a oposição de dois profissionais, enquanto Ofélia é descrita no texto verbal como severa e brava, distante dos discentes, Idelfonso é exposto como um docente engraçado e, possivelmente, mais próximo aos alunos.

O distanciamento ocorre desde o momento em que a professora Ofélia se apresenta aos alunos, no primeiro dia de aula:

A turma está nervosa. Aí vem ela! Eu sou a professora Ofélia. Como não estou vendo nenhum sobrinho nesta classe, proíbo que me chamem de tia. Sei que tenho fama de brava, mas vocês vão ver que isso não é verdade. As únicas

coisas que eu exijo são estudo, dedicação, disciplina e que me tratem por senhora! (TELLES, 2007 p. 60).

Na citação, que traz à tona a representação verbal da docente, é nítido que a turma está apreensiva com sua chegada. Ofélia em sua apresentação proíbe os discentes de a chamarem de tia. Exige que os estudantes se refiram a ela com o pronome de tratamento “senhora”, de modo a marcar a distância entre a professora e os alunos, além de exigir vários atributos de um bom estudante, ou seja, dedicação, disciplina e estudo. A explanação de Ofélia sinaliza para imagem de uma docente autoritária e tradicional.

Paulo Freire (1997) discute o mote professora-tia em sua obra *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. O estudioso assevera que o labor docente é uma tarefa que exige militância, ao passo que a tia denota um grau de parentesco. A professora é uma profissional que representa uma categoria trabalhadora, enquanto a tia é um membro da família. Reduzir a professora a condição de tia é uma estratégia ideológica que leva a profissional do ensino a não se posicionar na sua função. Nos dizeres de Freire (1997, p.9), não se trata de opor ou identificar a professora à tia: “Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em professora de seus sobrinhos só por ser tia deles”. Nesse sentido, Ofélia, ao pedir para os alunos a chamarem de professora, está agindo de forma a dignificar sua profissão.

Observa-se que não são apresentados no texto verbal nem no texto visual alguns dados como a cor, a idade e o estado civil da professora Ofélia. O texto informa, por meio do narrador, que a cidade de atuação de Ofélia é a capital paulista e ela leciona em uma escola pública. Em nenhum momento é mencionada a representação de uma docente leitora e a única prática de ensino exposta na narrativa é a escrita de uma redação, ou melhor, produção textual, mesmo porque o foco da história, como já foi dito, são as aventuras de Carlos no Pantanal.

As docentes Sofia, de *A caligrafia de Dona Sofia*, e Ofélia, de *Asas brancas*, se destacam por terem características opostas e ministrarem a disciplina de Língua Portuguesa. Sofia pela postura aberta e amiga que a leva a conquistar os moradores de sua cidade e torná-los leitores literários por prazer; Ofélia pelo seu comportamento rígido que leva a disciplina a ser pensada unicamente como dever.

Assim como a docente de Língua Portuguesa, Ofélia, professora de papel e tinta da obra *Asas brancas*, de Telles (2007), que atua na contramão das perspectivas pedagógicas atuais, o tópico seguinte exibirá a Rainha “maluca” que substitui a

professora titular da sala.

Uma aula muito maluca da Rainha mais ainda

O livro *O Rei maluco e a Rainha mais ainda*, texto verbal de Fernanda Lopes de Almeida e texto visual de Luiz Maia, chama a atenção pelo seu formato grande (27 X 20 cm) e sua grossura (127 páginas). Ele é dividido em 25 capítulos, sendo o 15º intitulado “A Aula da Rainha”. A obra apresenta um Rei e uma Rainha fora dos parâmetros convencionais. É nesse lugar imaginário que a personagem criança Heloísa vai parar por intermédio de uma figura falante. Em um episódio do livro, a Rainha vai substituir a professora titular que precisava faltar, ao passo que o Rei substitui o diretor.

A capa da obra *O Rei Maluco e a Rainha Mais ainda* [Figura 3] exhibe as duas personagens olhando atentamente para os leitores. A ilustração aguça a curiosidade do leitor, o próprio título e as ilustrações de Luiz Maia evidenciam que esse reinado é diferente dos demais conhecidos. O texto da contracapa complementa:

Imagine um rei tão diferente que vive trabalhando para o povo: até pão ele faz, porque o padeiro prefere pintar quadros. Imagine uma rainha que dá aula quando a professora falta, mas é tão avoada que esquece a lição. Confusão é o que não falta nesse reino onde todos fazem o oposto do esperado (ALMEIDA, 2007, s/p).

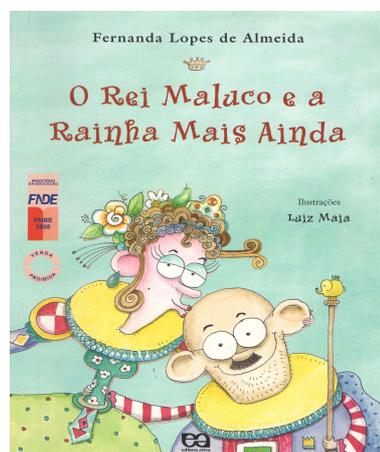


Figura 3: Luiz Maia
Ilustração para *O Rei Maluco e a Rainha mais ainda*, capa

A ilustração da capa dialoga com o título proposto e com a narrativa, além de ampliar o potencial significativo da obra. A personagem docente divide a cena com o esposo (diretor), isto é, ambos estão presentes no livro desde a capa e o título. Aliás, o título da obra sugere o convite para uma leitura que promete muita diversão. O uso do artigo definido “a”, seguido do substantivo “rainha”, não indica o nome da personagem,

apenas o sexo ao qual pertence. O advérbio “mais” indica a intensidade do adjetivo “maluco” que qualifica a Rainha e sugere ao leitor uma personagem fora dos padrões convencionais.

Na capa do livro, a Rainha é descrita como uma mulher jovem, com cabelos encaracolados, castanhos e presos, pele clara e rosada, maquiada com batom vermelho, sombra azul nos olhos e brinco azul nas orelhas, indícios de sua vaidade. Em sua cabeça há uma pera, duas flores e uma pequena coroa. Luiz Maia desenha esses objetos na cabeça da Rainha com a finalidade de salientar a ideia da personagem estereotipada como “maluca”. Com a mão esquerda, ilustrada em tamanho desproporcional ao restante de seu corpo, ela puxa a orelha do rei. Está vestindo uma blusa verde escura com gola amarela e uma saia verde clara com bolinhas vermelhas e azul. A saliência das curvas geométricas da Rainha, destacada na justeza de suas vestes, confere ao gênero feminino um perfil que se opõe à imagem maternal da docente. Em um gesto de afeto, ela beija a careca do Rei.

O fato de a Rainha estar com a coroa sinaliza que ela detém o poder. O Rei é descrito segurando um cetro na mão esquerda, além de ser ilustrado, aparentemente, mais baixo que a Rainha. Na ponta do cetro há um elefante amarelo com uma coroa verde sobre sua barriga. Próximo a barriga do rei está outra coroa amarela que caiu da cabeça do elefante. No alto da palavra maluco, mais precisamente, da letra “a” presente no título da obra, há uma outra coroa, que pode sugerir ao leitor que o Rei abdicou da coroa e, conseqüentemente, de seus poderes. Ao contrário dos apontamentos de Abramovich (1997, p.37), o Rei não é desenhado “com a coroa devidamente depositada em sua nobre cabeça, com barbas brancas e longas”, rompendo com uma imagem secular de representação verbovisual da figura do Rei.

É importante destacar que o fundo azul na figura 3 sugere ao leitor que a história se passa em um lugar indefinido. Segundo Chevalier e Gheerbrandt (1989, p. 108) o azul:

É o caminho do infinito, onde o real se transforma em imaginário [...] Entrar no azul é um pouco fazer como Alice, a do País das Maravilhas: passar para o outro lado do espelho. Claro, o azul é o caminho da divagação, e quando se escurece, de acordo com sua tendência natural é o caminho do sonho.

A definição do *Dicionário de Símbolos* dialoga com a ilustração da capa do livro na qual o Rei é ilustrado em um ambiente de fundo azul, que se assemelha ao céu. O azul é, nessa perspectiva, a cor que permite a passagem do real para o ficcional, assim

como fez Alice, no livro *Alice no país das maravilhas*, ao passar o espelho.

No percurso da história, a professora titular da sala precisa faltar e a Rainha vai lecionar em seu lugar, o mesmo ocorre com o diretor, que vai ser substituído pelo Rei. A diferença da atuação das duas personagens está no hábito da leitura. O Rei se prepara para exercer sua função lendo um livro intitulado “Direção Escolar”, enquanto a Rainha enche dois caminhões de objetos que lembram a sua infância e serão esquecidos na porta da escola, ou melhor, não terão nenhuma serventia na aula.

O Rei tinha se afastado lendo um livro [...]

O título era: “Direção Escolar”. [...] Enquanto a Rainha perde tempo fazendo essa mudança boba, veja o Rei como se prepara para dirigir a escola direito. Nunca vi homem mais esforçado (ALMEIDA, 2007, p. 73).

O esforço das personagens que dão título ao livro é percebido pela personagem criança Heloísa, que é concebida na narrativa como um ser atuante que critica os adultos, principalmente a Rainha. A criança é vista como reveladora de outras possibilidades. A menina fica admirada com o esforço do rei em desempenhar sua função com presteza, a ponto de ler um livro intitulado “Direção Escolar”. A Rainha que vai lecionar no lugar da professora titular não lê nenhum livro e se esquece do que foi fazer na escola.

Mas o que é que eu vim fazer aqui?

— Veio dar aula! – lembraram as crianças.

— Impossível! Não sou professora.

— Mas hoje veio substituir a professora – lembraram as crianças.

— Meu Deus! É mesmo. Que cabeça a minha! Sobre o que é a aula?

— Vossa Majestade é quem tem de saber (ALMEIDA, 2007, p. 75).

A Rainha tem uma crise de esquecimento e se assusta quando descobre, por intermédio das crianças, que foi substituir a professora titular, o que leva Heloísa a dizer: “— Que professora! – criticou Heloísa. – Em vez de preparar a lição, perdeu um tempo enorme arrumando uma bagagem que afinal não serve para nada” (ALMEIDA, 2007, p. 76). A citação permite inferir que se, por um lado, o fato de a Rainha ir à escola substituir a professora titular da sala confere a profissão uma valorização profissional; por outro, o labor docente deixa de ser valorizado ao apresentar uma Rainha que não prepara a aula, mostrando descompromisso com a profissão.

Como se vê, tanto a Rainha, como o Rei não são mencionados pelo nome no texto verbal, ou seja, não são individualizados, o que pode levar o leitor a se identificar mais com as personagens. A personagem criança Heloísa é nomeada e vista como um ser pensante e crítico, rompendo com a visão histórica que concebe a criança como um

ser dependente do adulto.

No percurso da história, a professora substituta termina a aula e pede para Heloísa analisar sua atuação: “— Desculpe Majestade, mas não deu aula muito direitinho não. Aliás, Vossa Majestade não deu aula nenhuma” (ALMEIDA, 2007, p. 80). A personagem criança avalia negativamente a aula dada pela Rainha. Mesmo assim começam a chegar à escola várias cartas de pais de alunos que aprovaram seus filhos de ano, pois nesse reinado quem aprova os filhos são os pais e não os professores: “Os pais avisaram que, com aquela aula da Rainha, todas as crianças tinham passado de ano. Algumas tinham feito progressos tão grandes que haviam pulado dois ou três anos para frente” (ALMEIDA, 2007, p.81).

Em suma, o livro *O rei maluco e a rainha mais ainda* traz uma crítica a escola real que apresenta diariamente a cena de professores que não preparam a aula e deixam os alunos fazerem o que querem. Assim como em *O rei maluco e a rainha mais ainda*, o livro *Dadá e Dazinha* versa sobre algumas brincadeiras infantis.

Dadá e Dazinha: a importância do brincar

O livro *Dadá e Dazinha*, com texto verbal de Luiz Antonio Aguiar e ilustrações de Graça Lima, se apresenta em formato médio (20 X 17cm) e com 135 páginas. O livro discute a relevância das brincadeiras e é dividido em 4 contos, sendo “Dadá e Dazinha em A Banheira Mágica” objeto desta análise. Nesse conto, Dadá e Dazinha brincam de escola, brincadeira bastante comum para crianças em fase pré-escolar. Dadá, a irmã mais velha, é a professora e Dazinha a aluna. A ilustração abaixo [figura 4] mostra as duas personagens que figuram desde a capa e o título do livro.

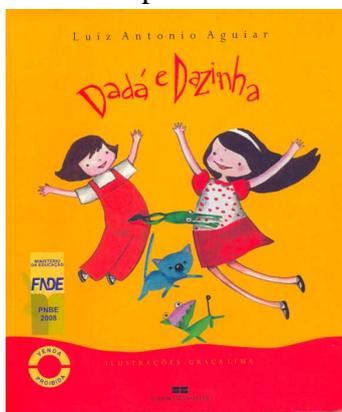


Figura 4: Graça Lima
Ilustração para *Dadá e Dazinha*, capa

A capa do livro *Dadá e Dazinha*, de Luiz Antonio Aguiar, com ilustrações de

Graça Lima, exhibe as personagens título brincando. Os livros *O Rei maluco e a Rainha mais ainda*, *A caligrafia de Dona Sofia* e *Dadá e Dazinha* se assemelham por apresentar as protagonistas da história desde a primeira imagem, isto é, a capa do livro. O ilustrador Luiz Antonio Aguiar descreve as meninas com as mãos para cima, num gesto de quem pula livremente, o que produz a ideia de alegria, pois as duas estão muito sorridentes. As cores quentes, principalmente, vermelho e laranja são utilizadas para reforçar a ideia de alegria, ambas têm poder evocativo e emotivo, nos dizeres de Oliveira (2008, p. 50): “A cor é um dos elementos constitutivos da imagem narrativa que possui maior poder emotivo e evocativo”.

Dadá tem cabelo preto, longo e liso. Usa um vestido vermelho com detalhe branco. Dazinha tem cabelo preto, liso e curto. Veste um macacão comprido e vermelho. As protagonistas crianças são ilustradas com a pele branca e a face rosada.

A apresentação das meninas é completada no texto verbal da contracapa:

Era uma vez duas irmãs: Dadá e Dazinha. Dadá tinha 8 anos. Era mais meiguinha e mais tímida. Dazinha era menor. Tinha uns 4 anos. Era muito engraçada e metida a mandona. Daí, elas foram passar umas férias na casa que a Vovó das Arábias e Vovô Tranquilo tinham, na beira de um lago. Foram elas, os pais e o Tio Gordão. Tudo ali era diferente do apartamento delas na cidade. E foi assim que coisas muito estranhas começaram a acontecer. (AGUIAR, 2007, s/p).

A citação em destaque apresenta as irmãs com alguns detalhes como, por exemplo, a idade e adjetivos que definem a personalidade das duas, além de aguçar a curiosidade do leitor para descobrir que coisas estranhas aconteceram na casa do Vovô e da Vovó.

É curioso constatar que a temática do brincar também é abordada no *Referencial Curricular para a Educação Infantil* (BRASIL, 1998). O documento frisa que brincar é fundamental para o desenvolvimento da autonomia e da identidade da criança. A brincadeira leva a criança a desenvolver determinado papel, bem como a imaginação, a atenção, a memória e a imitação. Assim, a criança utiliza e experimenta as regras e os papéis sociais. A diferenciação dos papéis é bem nítida, principalmente no faz de conta, isto é, quando as crianças brincam como se fossem papai, mamãe, médica, professora (Dadá), aluna (Dazinha) etc. A estudiosa Nazaré Cristina Carvalho (1998, p. 17-18) destaca:

O brincar é uma linguagem universal dotada de muitos significados, os quais se renovam de forma permanente, além de ser, um ato espontâneo. Pelo brincar a criança experimenta a sua relação com o outro e com o mundo, aprendendo a se relacionar com eles.

A criança que brinca tem mais facilidade de se relacionar com os outros, fazer amizades, além de ser mais criativa. O ato de brincar leva o sujeito a imitar a vida e transformá-la. “O brincar se faz presente em quase todos os momentos da vida, muitas vezes, até mesmo em momentos e ambientes não muito adequados” (CARVALHO, 1998, p. 18). Brincar é tão natural que a criança não precisa de ninguém para ensiná-la. Por meio da brincadeira, a criança se desprende da realidade imediata e passa a viver uma realidade só sua. No entanto, ao brincar a criança estabelece diálogo com o que vive. Segundo Carvalho (1998, p.19): “Percebe-se assim que, quando brinca, a criança não se transporta para um mundo autônomo, isolado da realidade em que vive; ela estabelece um diálogo com o mundo do qual faz parte”.

É o caso das irmãs Dadá e Dazinha que, por meio da imaginação, passam a brincar de escolinha. “Dadá era a professora e ensinava uma lição para Dazinha” (AGUIAR, 2007, p. 102). A estratégia de ensino de Dadá era recontar a história da sapinha que o Vovô Tranquilo tinha contado para as netas. Dazinha ficou revoltada quando a irmã escreveu no quadro a palavra “Sapinha”, visto que ela não sabia ler e escrever: “Vai ver ler e escrever para ela eram uma mágica mais ou menos assim” (AGUIAR, 2007, p. 106).

Outra forma de brincar de escola que Dazinha inventou foi com cremes e brinquedos colocados no banheiro pela vovó, objetos esses que se tornarão uma sala de aula. A vovó das Arábias enche uma banheira grande de espuma para as netas.

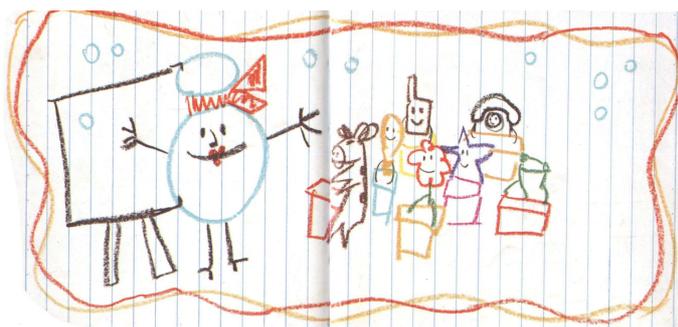


Figura 5: Graça Lima
Ilustração para *Dadá e Dazinha*, p.116-117

Graça Lima ilustra as personagens e objetos que compõem a cena em uma folha de sulfite e com uso do lápis de cor. A ilustradora dialoga com o público infantojuvenil, ao fazer uma ilustração semelhante a das crianças na fase pré-escolar e destacar as formas geométricas, principalmente o círculo, o quadrado e o retângulo. “O livro parece acabado de sair das mãos de uma criança sem domínio do desenho”

(RAMOS, 2011, p.70). O texto que acompanha a imagem enfatiza:

E aí Dadá descobriu que Dazinha tinha arrumado uma escola só para ela, colegas de classe e até uma professora, que ficaram bem pequenininhos, ganharam olhos e bocas, uns ganharam voz, outros, para assistirem à aula... no fundo da banheira mágica da vovó das Arábias (AGUIAR, 2007, p. 117-118).

A estratégia de ensino da professora criada pela imaginação de Dazinha era que cada aluno fizesse uma mágica. “Então a lição é a seguinte... – retomou a professora – Todo mundo no mundo sabe fazer mágica. A gente precisa é saber que é mágica a mágica que a gente faz” (AGUIAR, 2007, p. 120). A docente mostra que acredita no potencial talento de cada aluno. A personagem Churrasqueira desaparecia e reaparecia, o Sapo fazia saltos acrobáticos. O Bezerro declarava uns versos e Dadá ensinava todos a escreverem seus nomes. Dadá e o Bezerro são os únicos personagens que utilizam estratégias de ensino e fazem menção ao uso da escrita. Por fim, Dazinha resolveu acabar com a brincadeira e tirar a tampa do ralo da banheira.

Verifica-se que, na imaginação de uma criança de 4 anos, a professora é um: “frasco de sais de Vovó das Arábias, com um laço de fita na tampa-cabeça” (AGUIAR, 2007, p. 117-118), que ganha voz. O mesmo acontece com a Churrasqueira, o Sapo e o Bezerro, ambos antropomorfizados. A representação desses personagens se caracteriza pela humanização ou personificação, que consiste em atribuir características humanas a seres inanimados.

Como se vê, no livro *Dadá e Dazinha* é explorada a fértil imaginação das crianças que, por meio da brincadeira, fazem alguns objetos se tornarem uma sala de aula, na qual a relação professor X alunos é lúdica e prazerosa, apontando para uma escola criativa significativa e alegre.

A seguir será exposta uma geógrafa inovadora, resgatada das lembranças da infância do pai de Mateus, personagem do livro *Conversa pra boy dormir*.

Dinah a geógrafa inovadora: uma aula sobre distribuição de renda

O livro *Conversa pra boy dormir*, texto verbal de Leo Cunha e texto visual de Ângelo Abu, é apresentado em formato médio (23 X 21cm) e com 37 páginas. O título da coletânea de seis contos pode sugerir ao leitor o diálogo entre um pai e um filho. O conto “Distribuição” discute as estratégias de ensino da professora de Geografia Dinah

em uma aula sobre distribuição de renda.

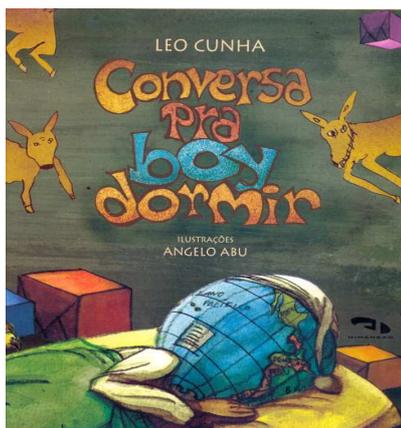


Figura 6: Ângelo Abu
Ilustração para *Conversa pra boy dormir*, capa

A ilustração da capa de *Conversa pra boy dormir* mostra o personagem criança Mateus dormindo [Figura 6]. No lugar de sua cabeça existe um globo terrestre, já na parte superior da ilustração há três bois, enquanto na parte inferior há várias balas.

No livro *Conversa pra boy dormir*, a professora Dinah, que ministra aula de Geografia, é apresentada a Mateus, por intermédio de seu pai, que tinha o costume de contar histórias para o filho antes de dormir. Em “Distribuição”, o pai recorda experiências escolares. Segundo o pai de Mateus, Dinah resolveu dar uma aula prática sobre a distribuição de renda no Brasil. Para isso, comprou uma caixa de diziolis (bala).

Nas palavras do narrador, a professora “explicou que a caixa de diziolis representava a riqueza toda do Brasil e a turma era o povo. Então começou a mostrar o que era a tal distribuição de renda” (CUNHA, 2007, p. 14). A distribuição das balas foi feita pelas letras iniciais dos nomes dos alunos. As pessoas da letra A a F ganharam um dizioli, do G ao M, dois. Do N ao T, três e do U ao V, seis. Por fim, as pessoas com a letra Z ganharam 24 balas. A estratégia de ensino da docente foi bastante interessante. Os alunos que ganharam poucas balas ficaram indignados, mas entenderam bem o que era uma distribuição de renda desigual, injusta.

Dinah inaugura o ensino de Geografia inovador, por meio de práticas modernas. A professora ensina uma visão da Geografia presente no cotidiano dos estudantes, em oposição às decorebas tão comuns no ensino da Geografia tradicional: “A gente queria era fazer coisas muito, mais muito mais importantes, como decorar o nome de todos os países do mundo e depois fazer campeonato para ver quem sabia mais” (AGUIAR, 2007, p.13). Percebe-se que, antes de conhecer as estratégias de ensino da docente, o ensino decorativo era preferido pelos alunos.

Mesmo entre quatro paredes, símbolo das barreiras institucionais, Dinah consegue inovar ao colocar em prática uma atividade lúdica. A docente rompe com o estudo conteudístico e proporciona uma aprendizagem prática aos alunos.

O conto não traz considerações sobre a vida particular da professora Dinah, mas sabe-se que na sua metodologia o aluno é visto como sujeito do conhecimento. O aluno deixa de ser o que a etimologia da palavra latina traz em seu bojo, isto é, um ser sem luz, um receptáculo de informações. Há um rompimento com o ensino da Geografia tradicional. A profissional do ensino mostra a Geografia: “presente em todas as coisas, mesmo nas mais pequenas” (FERNANDES, 2007, p. 188).

A predileção pela professora Dinah é feita no texto verbal: “[...] todo mundo era doido com ela, ótima professora, simpática, engraçada, bonita também” (CUNHA, 2007, p.15). A citação alude a imagem de uma professora que além de bonita é simpática e engraçada. Como não há ilustração da personagem, fica a cargo do leitor criar em sua mente a representação visual dessa profissional, assim como a de Ofélia exposta no livro *Asas brancas*.

Assim, percebe-se que a professora Dinah rompe com o ensino decorativo, até então conhecido pelos estudantes, além de abdicar do livro didático, tão comum nas representações de geógrafas expostas na literatura infantojuvenil. Com isso, ela se revela uma professora moderna, democrática e próxima dos alunos e seu universo.

Palavras finais

Neste trabalho, foi verificado que cinco das cem obras selecionadas para o PNBE/2008 trazem representações das personagens docentes. As cinco obras apresentam coincidentemente cinco professoras, fato que converge com a feminização no magistério, como revela os trabalhos Fernandes (2007), Louro (1997) e de Silveira (1997).

Com efeito, constata-se que Sofia e Ofélia ministram as disciplinas de Língua Portuguesa, Dadá e Rainha são Pedagogas e Dinah é Geógrafa, ou seja, todas as docentes atuam na área de Humanas.

No tocante ao estado civil das protagonistas do saber, a Rainha é casada com o Rei, Dadá e Dazinha são crianças e solteiras, Sofia possivelmente é viúva, Dinah e Ofélia não fazem menção ao assunto. Os livros *O Rei maluco e a Rainha mais ainda e Dadá e Dazinha* exploram bastante o imaginário infantil. A primeira história se passa

em um lugar indeterminado, chamado “Reinado Maluco” e a segunda em um sítio no interior de São Paulo. As demais narrativas deixam a cargo do leitor uma possível localização geográfica.

É curioso constatar que, duas obras fazem menção à situação econômica da categoria docente. Em *A caligrafia de Dona Sofia* é ressaltada que a profissional precisa vender flores para sobreviver e em *Asas Brancas* é exposto que a personagem mirim Zeca tem que estudar em uma escola pública porque sua mãe trabalha como professora.

No que diz respeito às práticas encenadas nos cinco livros, a personagem Dinah apresenta uma visão inovadora da Geografia. Em sua aula de distribuição de renda, o aluno percebe a geografia mais próxima ao seu cotidiano e entende que o conhecimento pode não ser válido naquele momento, mas que um dia ele será útil. Sofia forma leitores entregando cartões poéticos aos moradores de sua cidade. Ofélia utiliza a prática da produção textual, ao passo que Dadá e Dazinha brincam de escolinha e criam uma sala de aula com alguns objetos, sendo o frasco de saís transformado em uma professora que acredita no potencial de seus alunos. Por fim, a Rainha não prepara a aula e deixa os alunos fazerem o que quiserem, mostrando falta de compromisso com a educação.

Em relação à representação da identidade docente, não há representações de diversos grupos sociais, somente em *A caligrafia de Dona Sofia* foi exibida uma docente mulata. Em *Dadá e Dazinha* e *O rei maluco e a Rainha mais ainda*, as personagens título são apresentadas desde a capa do livro e ilustradas de cor branca. *Asas brancas* e *Conversa pra boy dormir* não ilustram as protagonistas do saber, mas levando em consideração a afirmação de Ferreira (2008, p. 103), é possível inferir que a “a categoria sem indícios equivale a opção velada de se representar a elite dominante que, de tão normal, dispensa verbalização. Assim, a pesquisa chega a um total de quatro docentes brancas e uma mulata. Essas representações apontam para dificuldade de representação das características plurais do Brasil. Em suma, as cinco protagonistas do saber dialogam com as docentes de carne e osso presentes na escola real.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de Convocação para Inscrição de Obras de Literatura no Processo de Avaliação e seleção para o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2005*. Disponível

em:<http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=biblioteca_escola.html> Brasília, 5 de abril de 2005. Acesso em: 10 de junho de 2011.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Nazaré Cristina. *O brincar, a cultura da criança e a escola*: possibilidades do conhecimento na educação física escolar. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – na Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba,SP: UNIMEP, 1998.

CHEVALIER, Juan; GHEERBRANT, Alan. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. *Leitura, literatura infantojuvenil e educação*. Londrina: Eduel, 2007.

FERREIRA, Leda Cláudia da Silva. *A personagem do conto infanto-juvenil brasileiro contemporâneo: uma análise a partir de obras do PNBE/2005*. Dissertação de mestrado (Mestrado em Literatura Brasileira) - na Universidade de Brasília, 2008. Disponível em: <<http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tdebusca/arquivo.php?codArquivo=4608>>. Acesso em: 10/04/2011.

FREIRE, Paulo: *Professora sim, tia não*: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GUERRIOS, Rosário Farani Mansur. *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*. 3.ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

GERALDI, João Wanderlei. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GRIBEL, Christiane. Minhas férias, pula uma linha, parágrafo. In: .LAGO, Angela. (et al). *Historinhas pescadas*. Ilustrações de Orlando Pedroso. São Paulo: Moderna, 2001. p. 42-55.

LOURO, Guacira Lopes. O gênero da docência. In:_____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 1-12.

MANGUEL, Alberto. *Uma história de leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

MACHADO, Ana Maria. *Silenciosa algararra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

OLIVEIRA, Rui de. *Pelos Jardins Boboli*: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

POSSENTI, Sírio; ILARI, Rodolfo. Ensino de língua ou gramática: alterar o conteúdo ou alterar a imagem do professor? In: _____. *Linguística aplicada ao português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 8-30.

RAMOS, Graça. *A imagem nos livros infantis*: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada danada da vida: representações de professora na literatura infantil. *Educação e realidade*. Porto Alegre: v. 22, n. 2, p.146-161, jul.-dez. 1997.

Corpus

AGUIAR, Luiz Antonio. *Dadá e Dazinha*. Ilustrações de Graça Lima. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007.

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. *O Rei maluco e a Rainha mais ainda*. Ilustrações de Luís Maia. São Paulo: Ática, 2007.

CUNHA, Leo. *Conversa pra boy dormir*. Ilustrações de Ângelo Abu. 2. ed. Belo Horizonte: Dimensão, 2007.

NEVES, André. *A caligrafia de Dona Sofia*. Ilustrações do autor. 2. ed. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2007.

TELLES, Carlos Queiróz. *Asas brancas*. Ilustrações de Rogério Borges. 3. Ed. São Paulo: Richmond Educação, 2007.